

Autonomia e submissão feminina nas páginas de *A Estação*

Isabel Cadore Boligon
Juracy Assmann Saraiva

Submetido em 09 de setembro de 2016.

Aceito para publicação em 31 de setembro de 2017.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 54, outubro de 2017. p. 264-280

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>
Segunda-feira, 23 de outubro de 2017
20:59:59

AUTONOMIA E SUBMISSÃO FEMININA NAS PÁGINAS DE A ESTAÇÃO

AUTONOMY AND SUBMISSION OF WOMEN IN THE PAGES OF A ESTAÇÃO

Isabel Cadore Boligon¹
Juracy Assmann Saraiva²

RESUMO: O presente artigo analisa o posicionamento ideológico expresso na revista *A Estação* e verifica a consonância temática das publicações de mulheres, no Suplemento Literário da revista, em relação a essa ideologia. *A Estação* foi uma publicação quinzenal que circulou no Brasil, de 15 de janeiro de 1879 a 15 de fevereiro de 1904, e era composta por duas partes: uma referente à moda; outra dedicada à literatura da qual participavam renomados autores brasileiros. O estudo permite concluir que os textos literários produzidos por mulheres adotam o padrão romântico e revelam sua total anuência com a ideologia expressa pela revista.

PALAVRAS-CHAVE: *A Estação*; Suplemento Literário; ideologia; mulher.

ABSTRACT: This paper analyzes the ideological position expressed in the magazine *A Estação* and verifies the thematic consonance of women's publications, in the Literary Supplement, in relation to that ideology. *A Estação* was a biweekly publication that circulated in Brazil from January 15, 1879 to February 15, 1904 and consisted of two sections: one related to fashion, another dedicated to literature and composed by renowned Brazilian authors. The study shows that literary texts produced by women adopt the romantic standard and reveal their full agreement with the ideology expressed by the magazine.

KEY-WORDS: *A Estação*; Literary Supplement; ideology; woman.

1. Introdução

O periódico *A Estação* foi uma publicação quinzenal, distribuída pela tipografia *Lombaerts*, do Rio de Janeiro, que circulou regularmente no Brasil, no período de 15 de janeiro de 1879 a 15 de fevereiro de 1904, sendo uma continuação da publicação francesa *La Saison*, aqui disponibilizada entre 1872 e 1878. A revista era composta por duas partes: uma referente à moda, assumidamente importada da França, ainda que fosse traduzida da revista alemã *Die Mondewelt*; outra parte dedicada à literatura, impressa especialmente para os periódicos editados para o Brasil, contando, para tal, com a colaboração de autores renomados da literatura brasileira. Entre esses autores, constata-se a presença de mulheres que nela publicavam artigos, caso atípico considerando-se o contexto brasileiro da segunda metade do século XIX, em que a participação feminina no mundo cultural era escassa.

Os valores manifestados na revista *A Estação*, entre os quais os da elegância e do bom gosto, encontravam, no Brasil, um público constituído pela emergente classe burguesa, o qual se identificava com os padrões da cultura europeia. O subtítulo do

¹ Graduada em Letras pela Universidade Feevale, Bolsista de apoio técnico do CNPq, isabel.cadore@hotmail.com.

² Pós-Doutora em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas, Professora e pesquisadora da Universidade Feevale e bolsista de produtividade do CNPq, juracy@feevale.br.

periódico – “Jornal ilustrado para a família” – assinalava a valorização do núcleo familiar, em que a mulher constituía o alicerce da formação de crianças e jovens, e explicitava, ainda, sua orientação moralizante. Esse posicionamento ideológico encontrava, portanto, no público feminino seu receptor ideal, o que fica evidente no *Suplemento de Moda* e no *Suplemento Literário*, em textos que invocavam as leitoras, bem como nas ilustrações de moda, em que predominavam figuras do sexo feminino e nas quais as imagens de crianças ajudavam a compor a representação do ideário burguês, instituído na Europa, no século XIX.

Partindo da evidência de que a revista buscava disseminar valores burgueses, neste artigo, procede-se ao levantamento das publicações de mulheres no *Suplemento Literário* e realiza-se a análise da correlação dos temas dessas publicações com a ideologia da revista. A revista *A Estação* se destaca por sua atuação na promoção da leitura como valor cultural e pelo espaço conferido a mulheres que publicaram na revista como precursoras no âmbito literário, ocupado majoritariamente por homens.

2. *A Estação*: moda e ideologia

Em meio ao efervescente ambiente cultural, assinalado, particularmente, a partir da década de 1870, e a conflitos políticos, econômicos e sociais, a Tipografia H. Lombaerts pôs em circulação a revista *A Estação*, cuja proposta editorial não enfocava nem as crises políticas e econômicas, nem os inequívocos problemas educacionais – de que os raros indivíduos alfabetizados eram uma prova –, visto que se detinha na divulgação da moda internacional, na promoção de valores e costumes europeus, bem como na disseminação da prática de leitura e da importância da literatura. Entretanto, embora estivesse parcialmente imune às circunstâncias sócio-históricas, o periódico encontrava eco nas aspirações da emergente classe burguesa, que se identificava com o modo de vida que ele representava.

Essa aceitação da cultura proveniente da França pode ser justificada pela circulação da revista em 14 línguas. Ela detinha, em 1882, 10.000 assinantes no Brasil, número que se ampliava para 100.000 leitores, pois, conforme testemunha seu editor em texto incluído no suplemento literário, “cada assinante representa, termo médio, dez leitores, o que nos dá uma circulação de 100 mil leitores, quando, aliás, a nossa tiragem é de apenas dez mil exemplares” (*A Estação*, 15/03/1883, p. 52). A produção do periódico, em nações distintas, não interferia no objetivo explícito do editor, que visava “criar um jornal brasileiro indispensável a toda mãe de família econômica, que deseje trajar e vestir suas filhas, segundo os preceitos da época” (*A Estação*, 15/01/1879, p. 1).

Exibidos em todas as capas das edições, a *Crônica da Moda* ou o *Correio da Moda* constituíam parte importante da revista que informava, aos leitores, tendências parisienses do vestuário, de decoração, de etiqueta e de comportamento. A soberania da França, no que se refere aos preceitos do bem-vestir e às normas do convívio social, era enfatizada pelo editor, estabelecendo-se uma correspondência entre suas palavras e as expectativas do público:

A moda, única soberana incontestada dos tempos atuais, a moda que da França irradia sobre todos os países, no que diz respeito às *toilettes* de senhoras e de homens, também de lá vem para determinar o uso, as regras das visitas. (*A ESTAÇÃO, Correio da Moda*, 15/12/1880, p. 240).

A *Crônica de Moda* da edição de 31 de maio de 1893 (Figura 1) exemplifica a orientação assumida pelo periódico: a ilustração define os modelos de saia e chapéus em voga e ressalta, por meio do cenário em que aparecem obras de arte, a classe social a que ele se destina, uma vez que a prática de apreciar belas artes e praticar a pintura passou a ser símbolo de evidência social. Por sua vez, em certa passagem da crônica, o editor sugere às senhoras de bom gosto a “domar a moda e não segui-la cegamente”³ e dá conselhos sobre a forma de conciliar modelos práticos, elegantes e cômodos. O editor afirma: “É do nosso dever ser um dos primeiros a publicar o que faz-se como novidade porém cumpre-nos igualmente mostrar os inconvenientes” (A *ESTAÇÃO*, 31/05/1893, p. 73).

Fonte: A Estação, 31/05/1893, p. 73.



Figura 1 – Correio da Moda

Ainda na parte dedicada à moda, aparecem páginas direcionadas à decoração da casa e da mobília. Ali, as leitoras são orientadas sobre a maneira de deixar o ambiente doméstico e familiar gracioso e requintado, particularmente as salas de visita e os salões, que eram espaços da casa destinados à realização de saraus noturnos, jantares e festas, e, portanto, tornavam pública a imagem do lar burguês. Assim, cabia à mulher a responsabilidade de torná-los ideais para a recepção de familiares, parentes e amigos.

³ O registro linguístico das citações da revista foi adaptado à ortografia atual.

A *Crônica de Moda*, publicada em 31 de maio de 1879, evidencia a função da revista em “educar a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família”:

A mão da mulher não pode ser dissimulada, aonde tiver presidido uma boa dona de casa, conhecedora das suas prerrogativas não poderá deixar de haver a ordem, o gosto e a graça que predispõe favoravelmente o visitante e que este nunca deixa de notar durante os poucos momentos que fica ou na sala de espera ou na sala de visitas, enquanto não aparecem os donos da casa (A *ESTAÇÃO*, *Crônica da Moda*, 31/05/1879, p. 269).

Em 15 de março de 1882, a *Crônica de Moda* trata da importância de meninas serem preparadas desde cedo para assumirem o dever primordial de boa esposa e mãe e critica a “crença” atual de que as mulheres deveriam receber a mesma educação que os homens:

Ela não pode, segundo me parece, ficar sempre o ser encantador, adorável, mas inútil, que estimamos, amamos, que é a alegria do lar, o orgulho da casa. Este estado provisório só deve ser um preparo para o papel definitivo da mulher na sociedade, que é de tornar-se esposa e mãe de família [...] De quinze ou vinte anos pra cá, acredita-se em geral, que se aperfeiçoa a educação da mulher até certo ponto, a instrução que se dá aos moços. (A *ESTAÇÃO*, *Crônica de Moda*, 15/03/1882, p. 3).

Pela linguagem utilizada nas *Crônicas de Moda*, o editor busca estabelecer uma relação de proximidade com seus leitores, conforme demonstra a citação abaixo:

Não há nada de absoluto na moda, e com a autoridade que me confere uma longa experiência e com a segurança que me dá uma velha reputação adquirida em tempos menos fantásticos, indicar-lhes-ei sempre as cousas novas logo que elas apareçam, porém dando as minhas amáveis leitoras a minha apreciação pessoal, recomendar-lhes-ei assimilarem sempre à sua personalidade os conselhos gerais que dou, confiando eu, além disso, no seu bom gosto para a aplicação d'estes conselhos que nunca serão absolutos” (A *ESTAÇÃO*, *Crônica de Moda*, 15/02/1886, p. 17).

Com a afabilidade de quem é extremamente próximo, o editor exerce um jogo de sedução, em que apela para o desejo das supostas leitoras de terem a novidade a seu alcance, e um jogo de adulação, visto que declara confiar no bom gosto delas. Entretanto, ele não deixa de ressaltar sua autoridade no assunto, resultante da experiência, e seu renome, garantido pelo amplo conhecimento.

Conforme afirma Rosane Feijão, o acolhimento da moda atendia ao objetivo da sociedade brasileira de pautar-se pelos costumes civilizatórios da Europa, que eram acolhidos sem resistência:

Artigos de moda, colunas sociais e revistas de variedades davam suporte às mudanças programadas ou desejadas, estabelecendo um discurso disciplinar que, justamente por estar associado à esfera das frivolidades, atingia sem resistência seu público leitor, formado essencialmente pelas camadas burguesas. De qualquer forma, essa burguesia não estava nem um pouco preocupada em resistir às novas normas. Ao contrário; mostrava-se ávida por inteirar-se dos novos padrões a serem seguidos. (FEIJÃO, 2011, p. 21-22).

A moda divulgada na revista permite constatar que os padrões europeus eram assimilados sem que houvesse a preocupação de adequá-los à realidade brasileira, e

habitantes da cidade de clima tropical submetiam-se ao vestuário próprio do temperado ou frio clima europeu. Assim, “mesmo que as mulheres elegantes da capital esperassem seis meses para estreiar a moda de inverno parisiense, ela ainda estaria agasalhada demais para o frio carioca” (FEIJÃO, 2011, p. 132), conforme mostra a Figura 2, que apresenta mulheres vestindo roupas com peles e tecidos próprios para o frio e patinam no gelo, atividade totalmente inexistente no Brasil.

Fonte: *A Estação*, 31/01/1891, p. 64.



Figura 2 – Imagem de moda.

A falta de preocupação com o clima brasileiro em relação às roupas sugeridas é percebida não somente por meio das ilustrações de moda, mas também por comentários publicados no periódico, conforme demonstra o trecho retirado da edição de janeiro de 1891: “Não há vestido elegante nem capa notável sem ser guarnecido com peles. Não se faz atenção à temperatura” (*A ESTAÇÃO*, 15/01/1891). A partir da citação, fica claro que a moda francesa era ditada aos brasileiros, não como forma de inspiração para a produção de uma moda nacional, adaptada às necessidades do país, mas como uma necessidade a ser por eles assumida.

Outro importante meio de disseminação dos hábitos parisienses eram os anúncios publicados no periódico, que influenciavam a formação da identidade nacional brasileira, que assimilava os modelos europeus e os adaptava ao cotidiano. Prova disso era a frequente aparição de anúncios que divulgavam objetos de consumo, cuja aquisição devia ser feita em endereços de Paris. Entre esses, constava o piano, que seduzia as famílias de melhor poder aquisitivo e lhes conferia certa distinção por estarem associadas a uma prática do universo cultural francês. Os anúncios abrangiam também drágeas para combater o nervosismo e a epilepsia; xaropes para facilitar o surgimento dos dentes, para curar asma e enxaqueca; pílulas para tratar da gota, da

influenza, do catarro; máquinas de costura, tecidos, espartilhos, acessórios de moda, cremes de beleza capazes de remover todos os defeitos da pele, perfumarias, bonecas.

3. A *Estação*: literatura e ideologia

O *Suplemento Literário* foi introduzido em março de 1879 e viria a contribuir para o sucesso do periódico, conferindo-lhe, também, um caráter localista⁴. A iniciativa visava a alcançar um público mais abrangente, uma vez que a publicação de narrativas literárias em jornais aumentava o número de leitores, granjeava mais anunciantes, favorecendo, ainda, os escritores, que ganhavam maior visibilidade. Além disso, a novidade viria a ser completada com ilustrações, conforme anuncia o editor:

Este número de nosso jornal traz um novo melhoramento, que estamos convencidos que será bem recebido pelas pessoas que leem *A Estação*. O *Suplemento Literário* do nosso jornal, deste número em diante, será também ilustrado, trazendo gravuras de atualidade ou sobre belas-artistas, sempre escolhidas entre as obras primas dos abridores de madeira da França, Inglaterra ou Alemanha (*A ESTAÇÃO*, Aos nossos leitores, 31 de março de 1879, p. 43).

O *Suplemento* publicava novelas, contos, romances, poemas, críticas e crônicas teatrais, resenhas de obras literárias e sugestões de leitura, além de notícias, relatos de viagens, seções de entretenimento, obras pictóricas, partituras musicais, conselhos sobre utilidades domésticas.

A produção literária era assinada por renomados escritores brasileiros como Olavo Bilac, Raymundo Correa, Arthur Azevedo, Luiz Guimarães Junior, Luiz Delfino, Raimundo Correa, Lucio de Mendonça, Machado de Assis, além de inúmeros outros, cujos nomes deixaram de ser representativos. Júlia Lopes de Almeida, Ignez Sabino Pinho Maia, Julieta de Mello Monteiro e Presciliana Duarte são algumas escritoras que publicaram no *Suplemento Literário* da revista, e são as publicações dessas mulheres o foco de análise do presente trabalho.

O *Suplemento* também investia na valorização do livro e da leitura, na forma de mensagens de estímulo à sua aquisição. No *Correio da Moda*, de dezembro de 1882, o editor registra:

As obrigações sociais que o uso criou para as festas de Natal e do Ano Bom, acompanham a todos em toda parte. No nosso século de divulgação da luz intelectual, de vulgarização dos conhecimentos artísticos e científicos, não há presente mais apropriado para todas as idades e condições do que o livro (*A ESTAÇÃO*, *Correio da Moda*, 15/12/1882, p. 269).

A evidência dada ao livro e à leitura também é disseminada por meio de mensagens subliminares e anúncios comerciais. São frequentes imagens que representam mulheres e crianças com livros nas mãos e com um semblante concentrado na leitura. Livrarias, lançamentos de livros, de revistas, publicações recentes também

4 Referindo-se à publicação do suplemento e comparando-o com a parte dedicada à moda, afirma o editor: “Por esse lado continuará o nosso jornal a ser parisiense. Por outro lado, porém, na arte agradável e recreativa, devíamos torná-lo nosso, e assim o fazemos. Confiamos a parte literária de *A Estação* a pessoas de reconhecida habilidade” (*A ESTAÇÃO*, 15/01/1879, p. 1).

ganham espaço nas páginas do Suplemento Literário, na forma de anúncios ou de comentários.

Fontes: *A Estação*, 31/03/1887, p. 31 e 15/03/1883, p. 120.



Figura 3 – Imagens de estímulo à leitura e publicidade de livros.

No dia 30 de junho de 1890, a escritora Júlia Lopes de Almeida⁵ publica, na seção *Variedades*, a crônica intitulada “Livros”, em que enfatiza a importância de a mulher saber ler e transmitir a seus filhos esse hábito que passava a ser valorizado na sociedade carioca:

Hoje em dia o não saber ler é, felizmente, considerado uma vergonha, não havendo pessoa que propositalmente condene os filhos a tamanha desgraça [...] Aprender para ensinar! Eis a missão sagrada da mulher. É preciso por isso que a sua leitura seja sã, bem feita. Vamos! Minhas amigas, comecemos a ler, mas com cuidado (*A ESTAÇÃO*, *Variedades*, Julia Lopes de Almeida, 30/06/1890, p. 56).

Pode-se perceber, porém, a ressalva de que a prática da leitura deveria ser feita com cuidado, afinal, nem todas as leituras eram indicadas e permitidas para o público feminino.

Sugestões de leitura, resenhas literárias e comentários sobre as publicações recentes no mercado editorial carioca também apareciam com frequência no *Suplemento Literário*. A seção *Bibliographia* sugeria leituras para as mulheres de *A Estação*.

Na edição de 31 de março de 1893, em *As leitoras d'A Estação*, o editor faz comentários sobre a escritora Julia Lopes de Almeida, citada anteriormente, e sua nova obra *Família Medeiros*. Neste trecho, nota-se a preocupação do editor em salientar a função primordial da mulher como governanta do lar, prioritariamente ao de literata:

⁵ Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) foi jornalista e autora de livros de sucesso. Escreveu em vários periódicos e, por mais de trinta anos, no jornal *O Paiz*. Em suas crônicas, fez campanhas em defesa da cidade, da educação da mulher, do divórcio, da exposição de flores, assim como fizera a defesa da Abolição e da República (PRIORE, 2011, p. 435).

Mas, de todos os trabalhos dessa senhora, que, sem descuidar um momento do governo de sua casa, tão bons serviços vai prestando as nossas letras, de todos os seus trabalhos até hoje publicados, o mais importante é o que venho recomendar às leitoras da *Estação* (*A ESTAÇÃO, As leitoras d'A Estação*, 31/03/1893, p. 78).

Já a *Chroniqueta*, assim como as *Crônicas de Moda*, do *Suplemento de Moda*, era uma seção exibida em todas as edições do *Suplemento Literário*. A seção assinada pelo pseudônimo *Eloy, o Heróe*, ocupava-se de notícias e comentários sobre o mundo das artes, como peças de teatro, concertos, festas da aristocracia carioca, exposições artísticas e obras literárias nacionais recentemente lançadas. Entre essas obras, estavam principalmente, as dos escritores que publicavam em *A Estação*, como Machado de Assis⁶, que, na *Chroniqueta* de 31 de janeiro de 1892, tem a leitura de seu romance *Quincas Borba* recomendado:

Depois das Aleluias, de Raymundo Correa, formoso livro que tem passado completamente despercebido, tivemos o *Quincas Borba*, de Machado de Assis. As leitoras conhecem o romance, que durante muito tempo foi publicado nas colunas da *Estação* e eu recomendo-lhes que o leiam de novo no volume editado pelo Sr. B. L. Garnier. *Quincas Borba* deve figurar na biblioteca de quantos se interessam pelo progresso das letras brasileiras (*A ESTAÇÃO, "Chroniqueta"*, 31/01/1892, p. 92).

As “Chroniquetas” raramente teciam comentários sobre política e economia, pois esses temas, segundo a revista, não interessavam ao público feminino, o que fica claro no comentário do editor: “que um dos característicos da época sejam as veleidades políticas do belo sexo, não me parece que possa entreter-vos, leitoras, a questão do plebiscito” (*A Estação*, 15/04/1890, p. 1). Para que as leitoras soubessem as notícias que seriam apresentadas, na parte superior do texto aparecia um pequeno cabeçalho com o sumário, que visava atender aos interesses femininos.

Entretanto, a Abolição da Escravatura, assinada no dia 13 de maio de 1888, foi assunto da edição do dia 31 de maio do mesmo ano. Nesse caso, a publicação, excepcionalmente, traz para suas leitoras o posicionamento da revista em relação a esse acontecimento social, político e econômico do país e, ainda, exalta a figura feminina da Princesa Isabel:

Depois da minha última chroniqueta produziu-se o fato mais importante de nossa vida social: foi declarada extinta a escravidão no Brasil. Houve três dias que valeram por três séculos: esta data – 13 de maio – vai figurar na nossa história com eternas irradiações. Folgo de lembrar neste periódico de senhoras, que foi a mãe de uma senhora que assinou a suspirada Lei ao mesmo tempo libertando o escravo do cativo e a nós outros, que nascemos livres, da inaudita vergonha de ter escravos. Honra e glória à princesa Isabel! (*A ESTAÇÃO, Chroniqueta*, 31/05/1888, p. 56).

Promovendo a instrução do público feminino, as páginas do *Suplemento* reproduziam telas de pintores, trazendo para a revista as belas-artes por meio de paisagens, costumes ou cenas da vida em família, monumentos, objetos, palácios, salões, cenas edificantes ou exóticas, expedições europeias por continentes diversos,

⁶ Machado de Assis publicou na revista *A Estação* 37 contos, 6 poemas, uma novela e um romance.

como a África e a Ásia. Havia, ainda, nessa parte de *A Estação*, uma seção denominada *As nossas gravuras*, que esclarecia a autoria e comentava as ilustrações da edição.

A Figura 4 visa a exemplificar essas ilustrações.

Fonte: *A Estação*, 30/05/1880, p. 61 e 15/11/1880, p. 115.

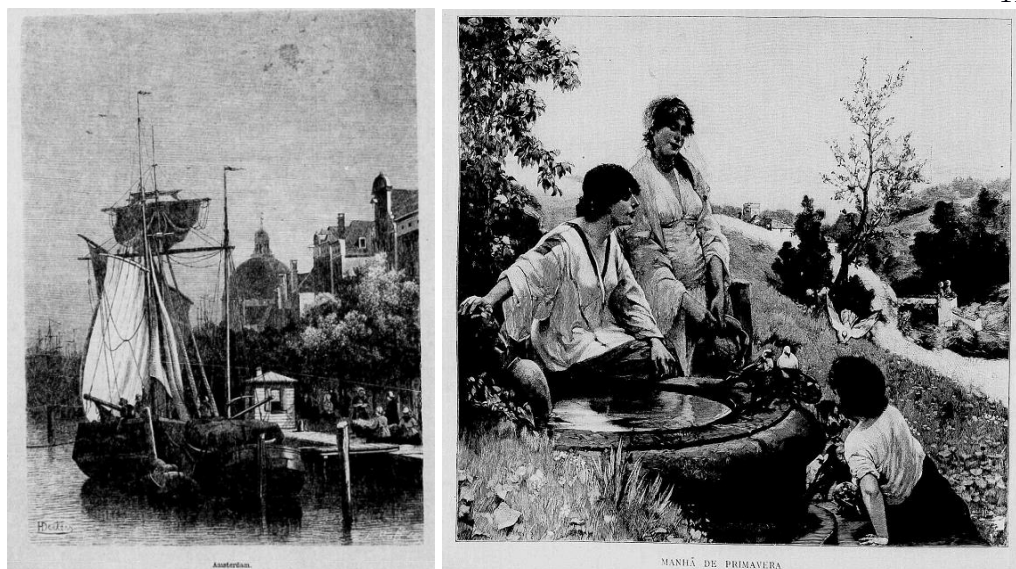


Figura 4 – Obras pictóricas.

Além de obras pictóricas, seguidamente eram publicadas, no *Suplemento*, imagens de mulheres da aristocracia (Figura 5), ou de mulheres influentes no mundo das artes como escritoras, cantoras, pintoras e atrizes:

Fonte: *A Estação*, 31/05/1888, p. 61 e 31/12/1889, p. 82.



Figura 5 – Imperatriz do Japão, Princesa Isabel e Adelaide Ristori.

Na edição do dia 15 de julho de 1880, a seção *A nossa gravura* comenta o talento de Adelaide Ristori, célebre atriz italiana, que se apresentou no Rio de Janeiro em junho de 1869, no papel de Mary Stuart:

Quem nos dois hemisférios a encontrou que não pressentisse a força prodigiosa do seu talento dramático? Quem a não viu, conhece-lhe o todo clássico pela simples inspeção dos bustos e dos retratos, tão divulgados, ou recordar-se-á de ter encontrado nos salões das exposições, milhares de estatuetas representando uma esbelta figura de mulher e com estes dísticos: Maria Stuart Ristori (*A ESTAÇÃO, A nossa gravura* 15/07/1880, p. 114).

A inclusão de imagens de mulheres no *Suplemento* enfatiza a orientação da revista para o público feminino e revela a intenção de salientar a importância das mulheres no quadro cultural da época e estimular a formação de leitoras e de apreciadoras de arte.

Portanto, além de imagens, comentários sobre mulheres influentes no mundo artístico também integravam o *Suplemento*. No dia 15 de outubro de 1889, a jornalista Júlia Lopes de Almeida refere-se à escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho⁷ e demonstra sua admiração por ela, no que tange a sua maneira de viver e escrever, e deixa transparecer o que considerava o maior mérito da escritora, viúva do poeta Gonçalves Crespo:

Quem há aqui que a não tenha lido, que não ame o seu conselho refletido e lúcido, que não se curve perante o seu talento verdadeiramente másculo, que a não preze como a consoladora dos tristes, a doce mãe dos aflitos, que não cessa de mostrar-nos entre a piedade e o exemplo, os desvarios desta sociedade que dia a dia, se afunda e se esfacela! (...) Saber sofrer! Saber lucrar! São as duas grandes forças que a ponderosa escritora aconselha, como sendo o ponto de apoio das nossas frágeis almas de mulher! (...) Seja qual for o seu mérito próprio, terá sempre como um dos maiores títulos de respeito e de glória o de ser a viúva de Gonçalves Crespo (*A ESTAÇÃO*, 15/10/1889, p. 51).

Entretanto, é preciso assinalar, também, na mensagem, a submissão da mulher ao gênero masculino e às qualidades que ele detém – já que o talento da escritora se expõe por ser “ másculo ” – e a imagem de fragilidade da mulher, cuja atitude diante dos embates da vida deve ser a de “sofrer” e a de “lucrar”. A atitude de subserviência da mulher associa-se, assim, a de sua fragilidade, aspectos que são assumidos e explorados na produção literária feminina, disseminada por *A Estação*.

No *Suplemento*, notícias consideradas relevantes para as leitoras também estavam presentes nas publicações. Pequenas manifestações de luta pelos direitos femininos começavam a aparecer discretamente, como se percebe na publicação abaixo:

Uma boa notícia para as nossas leitoras: consta-nos que um grupo de distintas senhoras da nossa melhor sociedade, a cuja frente se acha uma fidalga muito conhecida, pretende fundar um clube, cujo fim é nada mais nada menos do que firmar tenaz propaganda em favor dos direitos da mulher. Este clube, além de reuniões semanais, em dias determinados, manterá um jornal de redação exclusivamente feminina e com a colaboração de muitas escritoras estrangeiras. No propósito de bem informar nossas assinantes, damos essa notícia, com as devidas reservas, sem podermos, entretanto, declinar nomes, o que faremos com o máximo prazer, apenas estejamos autorizados (*A ESTAÇÃO, Mosaico*, 15/01/1893, p. 30).

⁷ Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) foi uma escritora e poetisa, autora de contos, poesia, ensaios e biografias. Colaborou em diversos jornais e revistas, publicando crônicas de crítica literária e opiniões sobre ética, educação, condição e papel da mulher na sociedade de sua época.

A criação do clube converge para a valorização das mulheres, mas mostra, também, a ausência de autonomia e de liberdade de sua ação, porque os nomes das famílias, provavelmente, não podiam ser expostos sem a autorização desse núcleo. Já a criação de um jornal voltado exclusivamente para a mulher mostra os primeiros indícios da formação de uma imprensa feminina e vanguardista, dentro de um contexto cultural predominantemente masculino e dominador.

Nesse sentido, a revista *A Estação*, ao mesmo tempo em que instruía as leitoras a serem boas mães e esposas zelosas ao lar, reforçando a concepção do feminino característica da época, também estimulava, por meio do incentivo à prática da leitura e da divulgação de imagens de personagens femininas influentes, a busca, pelas mulheres, de novos papéis na sociedade.

4. Participação feminina no suplemento literário e adesão ideológica

A revista *A Estação*, além de publicar para mulheres, dava espaço para que estas divulgassem seus textos no *Suplemento Literário*. Onze escritoras brasileiras – Júlia Lopes Ferreira Pinto, Maria Carolina Guerra, Maria Jucá, Presciliana Duarte, Maria Clara Vilhena da Cunha, Ignez Sabino Pinho Maia, Carmem Silva, Amalia Petiguary, Amelia R. A. C., Julieta de Mello Monteiro, Júlia Lopes de Almeida – desde 31 de março de 1882 a 15 de março de 1896⁸, são responsáveis por publicações, fato incomum, considerando-se o espaço rarefeito que era destinado ao sexo feminino, no âmbito da cultura, na segunda metade do século XIX.

Foi a partir dessa época que um grande número de mulheres começou a escrever e publicar, tanto na Europa quanto nas Américas. Tiveram primeiro de aceder à palavra escrita, difícil numa época em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada educação superior, ou mesmo qualquer educação a não ser a das prendas domésticas; tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização (PRIORE, 2011, p. 403).

Inúmeras foram as dificuldades que as mulheres tiveram de enfrentar para se tornarem escritoras e não mais subservientes à autoridade masculina. Confinadas ao espaço doméstico, excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos e do processo de criação cultural, precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam em seus enredos apenas como “bonecas frágeis”, doces criaturas e guardiãs do lar para, assim, “adquirir alguma autonomia para propor alternativas à autoridade que as aprisionava” (PRIORE, 2011, p. 409). Para a mulher, escrever e publicar era um ato de bravura.

Nas obras que tratam da história e da formação da literatura no Brasil, praticamente inexistem referências a escritoras, mesmo as que publicavam em periódicos renomados, o que, de forma alguma, significa que elas não foram importantes na trajetória da literatura brasileira. A perspectiva canônica ignorou a

⁸ O levantamento se restringe ao período em que aparecem publicações femininas no *Suplemento Literário*.

representatividade, na literatura, dessas escritoras que, entretanto, por meio de suas obras, interferiram no contexto sociocultural e atuaram para a mudança de comportamento de outras mulheres.

Presciliana Duarte, por exemplo, publicou em diversos periódicos da imprensa carioca. Era uma mulher que rompia com os padrões de sua época: fundou e dirigiu *A Mensageira*, “revista literária dedicada à mulher brasileira”. Com a obra poética *Páginas Infantis* (1908 e 1910), a escritora ficou conhecida pelo exímio talento em produzir literatura para crianças.

Ignez Sabino Pinho Maia, outra colaboradora do *Suplemento Literário* da revista, foi a escritora que mais publicou em *A Estação*. São, ao todo, doze textos literários, entre poesia e prosa. Apesar de ser poetisa, contista, romancista, memorialista e biógrafa, Ignez ficou conhecida por lutar pelos direitos femininos e pelas causas abolicionista e republicana. Além de publicações em livros, também escreveu intensamente na imprensa brasileira do século XIX, especialmente em periódicos, revistas e jornais dirigidos por e para mulheres⁹.

Conforme Araujo (2008), Julieta de Melo Monteiro, autora de poemas, contos e peças teatrais, publicou cinco textos na *Estação* e colaborou ativamente na imprensa literária do século XIX. Juntamente com sua irmã Revocata Heloísa de Melo, fundou no Rio Grande do Sul, a revista de literatura *Corymbo*.

Diferentemente das autoras citadas acima, Julia Lopes de Almeida não publicou textos literários no *Suplemento Literário* da revista e, sim, resenhas e artigos de opinião sobre assuntos que julgava interessar às leitoras. Fora da revista, publicou livros de sucesso e participou do corpo de redatores de *A Semana*, do Rio de Janeiro, do qual faziam parte Olavo Bilac, Artur Azevedo e Filinto de Almeida. Em suas crônicas, fez campanhas em defesa da educação da mulher, do divórcio, da Abolição e da República (PRIORE, 2011, p. 435).

Ainda que seus nomes tenham sido omitidos pela historiografia¹⁰, as escritoras do *Suplemento Literário* conjugavam-se, às acima referidas, pela manifestação de pontos de vista semelhantes, que expunham nas temáticas de suas produções.

No final do século XIX, grande parte da literatura brasileira seguia os padrões estabelecidos pelo Romantismo, período literário iniciado na Inglaterra e Alemanha e propagado principalmente pela França, que se opôs à tradição neoclássica setecentista. Juntamente com o espírito inconformista que o caracterizava, o individualismo, o subjetivismo, o sentimento exacerbado, a interação do eu lírico com a natureza, o escapismo, o nacionalismo e a liberdade de criação eram os principais traços do espírito romântico¹¹.

Temas e aspectos formais, que compõem o estilo romântico, são recorrentes nos textos das escritoras que publicavam na parte literária da revista. Os temas centram-se, por exemplo, nas ilusões do coração. No poema *Dois Bailes* (1889), publicado por

⁹ Muitos foram os periódicos fundados por mulheres no Brasil, do século XIX, principalmente no Rio de Janeiro, por ser a capital federal, além de ser o centro intelectual e a maior cidade do país. Entre figurinos, receitas culinárias, moldes de trabalhos manuais, conselhos de beleza, contos e folhetins, os artigos publicados nos jornais femininos defendiam a educação da mulher como condição de sua racional emancipação (ARAUJO, 2008, p. 92).

¹⁰ Ao pesquisar a biografia das autoras, em obras como *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido, *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi e *A literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, contata-se a inexistência de menção da maioria delas.

¹¹ COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Presciliana Duarte, constata-se a melancolia do eu lírico que, em meio a um baile, onde todos sorriem e valsam, sofre e suspira, estabelecendo o contraste entre a alegria exterior dos participantes do baile e o que está em sua alma.

Dois Bailes

A sala brilha entre rumor enorme!
Uns sorrindo, a fatiar; outros valsando,
Nesse prazer folias se inebriando.
Como a criança que a brincar não dorme.

Alguém sorri do casacão disforme
D'um homem velho, moço se julgando!
E vai de leve a noite assim passando,
Até que o *Cotillon* final se forme.

Mas cá nas profundezas de minha alma,
No coração que bate e não se acalma,
Nesse calor ardente de emoções,

No duvidar, que forma um claro-escuro,
Entre suspiros que ocultar procuro,
Baila o bando de minhas ilusões!
(*A ESTAÇÃO*, 15/01/1889, p. 30).

A natureza é exposta não apenas como uma imagem visual, mas também como expressão dos sentimentos do eu lírico. Dessa forma, as estações do ano, o mar, o sol, as tempestades, a correnteza, são alguns elementos naturais que aparecem nos poemas românticos do *Suplemento Literário*.

No poema *A beira mar*, de Ignez Sabino Pinho Maia (1894), o eu lírico interage com o mar, que representa o poder divino e diante do qual se fascina por sua imensidão e bondade:

A beira mar

Oh! que impressão me causa o oceano
No soluçar gemente sobre a areia,
Incutindo essa luz que vem da ideia
E que me abisma no profundo arcano!

Quão majestoso é o ruído insano
Que diante de mim se patenteia!
Este belo cenário que me enleia
Faz-me pensar num ente soberano.

Eu quisera dormir dentro em teu seio
O mar, que me fascinas doidamente
No teu constante e marulhoso anseio.

És grande, imenso, bom... e permanente
Nas tuas vozes eu constante leio
A bela estrofe que extasia a mente.
(*A ESTAÇÃO*, 15/08/1894, p. 85).

Amalia Petiguary, em seu poema *Longe* (1895), explora a noite e nela desenha o cenário de um eu lírico desenganado por seu amor que está distante.

Longe

Noite. As estrelas no eco radiantes
palpebram rindo...
Branqueja o luar.
Ouço cantigas ternas de amantes
que bailam todos insinuantes...
Só eu num infinito
pesar!

Por entre os lírios soletra a aragem
canção maviosa,
canção de amor...
Só eu derramo triste linguagem;
curvado á grande, á serena imagem,
á imagem radiosa
da Dor!

É que estás longe de mim querida!
Sem ti não posso
viver: sou qual
monge que vive sem ter a vida,
trêmula barca no mar perdida...
Bendito o nosso
Ideal!
(*A ESTAÇÃO*, 31/01/1895, p. 12).

No poema *Ideal* (1893), de Amelia R. C., o amor exacerbado, tema característico do Romantismo, aparece no “louco amor” descrito pelo eu lírico. Esse amor ardente traz nos versos um apelo erótico incomum, nos poemas publicados na revista:

Ideal

Dizer-te, murmurando, todo o afeto,
Todo este louco amor que me consome
Sorrindo, soletrar teu lindo nome,
D'um doce encanto, d'um sabor dileto;

Pedir que o lábio teu meu lábio arome,
Quando todo me punja um mal secreto;
Cingir teu corpo débil e correto,
Num vão desejo que a virtude dome;

Satisfeito, gozar si tu gozares;
Sofrer a acerba dor dos teus pesares;
Viver do teu sorriso tentador;

Eis o ideal que ardentemente afago,
Quê vive em minha alma, puro e vago,
Como o aroma no caule d'uma flor!...
(*A ESTAÇÃO*, 15/05/1893, p. 39).

Outro tema romântico e frequentemente retratado nos poemas das escritoras é a passagem do tempo. No poema *Cromo* (1894), de Amalia Petiguary, o eu lírico

descreve o sofrimento de um homem velho ao relembrar sua infância e as ilusões perdidas ao longo da vida.

Chromo

Na roça. N'uma casinha
Que fica à beira da estrada,
Forte e douda meninada
Canta e dança a cirandinha.

Não quero mais esta dansa
Diz uma, e daí há pouco
Vem toando uma voz mansa
A paca comendo coco...

E um velho que, paciente,
Contempla o bando inocente
Na folia aos trambolhões.

Baixando a cabeça, chora
A bela vida de outrora,
O tempo das ilusões!
(*A ESTAÇÃO*, 31/03/1894, p. 45).

Os ideais políticos, artísticos e sociais do movimento romântico coincidem com o processo de afirmação de independência que estava ocorrendo no Brasil. Assim, as aspirações de criar no país uma efetiva consciência nacional culminam no romance indianista, que trazia o índio e os costumes indígenas como foco literário e foi um dos traços distintivos do romance e da poesia brasileira (CAMPEDELLI, Samira Youssef; JUNIOR, Benjamin Abdala, 1986, p. 73).

Este foco também ganha espaço nas produções femininas. O trecho de *A princesa Arco Verde*, publicado por Ignez Sabino, traz elementos dessa tendência, já tardia no Brasil, demonstrando o atraso da literatura feminista em relação aos rumos do sistema literário, já, então, orientado pelo Parnasianismo na poesia e o Realismo na prosa.

No trecho a seguir, a autora narra a história do amor impossível entre uma índia e um guerreiro português:

A altiva americana, aquela que vimos murmurar palavras desconhecidas dos seus iguais, a poetisa que mal sabia exprimir o calor que lhe ia na alma, amou o moço português, jurando por Tupã livrá-lo do fatal tacape que lhe daria rapidamente a morte que houvera já sido decretada (*A ESTAÇÃO, A princesa Arco Verde*, 15/06/1893, p. 32).

O casamento, um dos valores burgueses pregados pela sociedade do século XIX, também é tema das publicações das escritoras. *A primeira carta*, conto escrito por Ignez Sabino Pinho e publicado no *Suplemento*, narra a história de Matilde, uma menina de 17 anos que recebe uma proposta de casamento por uma carta e que sofre por não saber o que responder ao seu amado:

Toda rubra de pejo, de indecisão, lábios trêmulos, mãos geladas, editos cintilantes, começou de traçar palavras incoerentes, sem nexos, mas que tinham de ser escritas por si, como resposta ao pedido em casamento (*A ESTAÇÃO, A primeira carta*, 15/04/1894, p. 48).

Assim como na poesia, o sentimentalismo exagerado está refletido nos romances escritos pelas mulheres autoras. Todavia, tais obras não podiam ser publicadas na íntegra na revista, mas apenas trechos selecionados para a edição.

No dia 15 de maio de 1894, Ignez Sabino Pinho Maia publica um trecho da narrativa *Lutas do Coração*, em que enfatiza o poder dos sentimentos na vida do homem:

O homem que ama, não se domina, torna-se cego; e nem submete-se a intervenções alheias, embora o seu amor o faça desgraçado. Então as mais estupendas transformações da existência dão-se naturalmente, como se obedecessem a alguma coisa superior. Alias, quem será, leitor, esse agente mudo, esse órgão cuja faceta distribui o sangue que nos doa a vida? O coração! (*A ESTAÇÃO*, *Lutas do coração*, 15/05/1894, p. 63).

Ao analisar as publicações femininas no *Suplemento Literário*, constata-se a adesão aos padrões românticos ainda vigentes na literatura do século XIX. Temas como o do amor exacerbado, da valorização da infância e dos afetos demonstram a convergência das produções femininas com os valores burgueses expressos no *Suplemento de Moda* e em outros textos, até mesmo não literários. Com efeito, a idealização da natureza, tema recorrente nos poemas expostos pelas autoras, também está presente nas telas e ilustrações apresentadas no *Suplemento*. Tal concordância denota o padrão afirmado pela revista e adotado pelas escritoras.

Também o individualismo, expresso no apelo a emoções e sentimentos, é manifestado frequentemente nos textos das autoras. O eu lírico expõe, nos poemas, a preocupação com seus anseios e angústias pessoais, sem se importar com “o outro”. Da mesma forma, a revista dissemina valores individualistas na supervalorização da moda, na busca incessante da beleza feminina e na despreocupação com o contexto político e social do país.

Consequentemente, não se identifica, na produção das escritoras, a autonomia feminina que, aparentemente, era pregada na revista e em outros veículos de disseminação cultural. Todavia, faz-se necessário ressaltar que, ao aderirem aos padrões românticos, as autoras participaram, mesmo que de forma insipiente, do movimento literário que trouxe ao país os primeiros passos de independência literária e de nacionalização estética. É importante destacar, igualmente, que o ato de escrever e publicar era uma forma de romper com as amarras que mantinham as mulheres nos limites do lar. Esse mesmo ato comprova a tentativa das mulheres de conquistar o universo das letras, espaço antes destinado apenas aos homens. Ademais, essas mulheres foram exemplares para que as leitoras de *A Estação* ampliassem seu horizonte de expectativas e percebessem que poderiam se dedicar a outros afazeres, além dos domésticos.

5. Considerações finais

Após a análise das edições da revista *A Estação*, evidencia-se o seu valor histórico, por influenciar a concepção da identidade nacional brasileira, que assimilava modelos europeus e os adaptava ao cotidiano em uma época de instalação de comportamentos sociais. Nesse sentido, a revista enfatizava o papel da mulher na sociedade carioca do século XIX, a qual deveria ser guardiã do lar e da família,

submissa às ordens do marido. Contudo, ao mesmo tempo em que instruía as leitoras a serem boas mães e esposas, reforçando a representação do feminino da época, também estimulava, por meio do incentivo à prática da leitura, da divulgação de imagens de personagens femininas influentes, a busca, pelas mulheres, de novos papéis na sociedade.

Ao debruçar-se sobre as publicações das mulheres, na parte do periódico dedicada à literatura, percebe-se que os textos não expressam a autonomia que era propagada pelas escritoras em outros meios de divulgação. Tanto os poemas quanto os textos em prosa, seguem o já ultrapassado padrão romântico, que ainda se manifestava em grande parte da literatura da segunda metade do século XIX, no período de circulação de *A Estação*. Além disso, as produções literárias adotam a ideologia expressa na revista, que se reflete na expressão de um olhar poético marcado pelo individualismo, na valorização da família, no casamento como a realização feminina, na idealização da natureza e no sentimentalismo exacerbado.

Conclui-se que, embora fossem submissas à ideologia divulgada pela revista, as escritoras buscavam a emancipação feminina pelo próprio ato de escrever e publicar, tendo em vista o espaço limitado que as mulheres tinham no âmbito social e cultural da sociedade do Rio de Janeiro. Portanto, a revista *A Estação* e seu *Suplemento Literário* são uma fonte rica em informações sobre esse contexto e sobre o espaço reservado à mulher, cuja voz não é silenciada, apesar de ela se enunciar pela perspectiva já ultrapassada do ideal burguês e romântico.

REFERÊNCIAS

A ESTAÇÃO. Disponível em: <<http://www.hemerotecadigital.bn.br>> Acesso em: outubro e novembro de 2014.

ARAUJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Tramas femininas na imprensa do século XIX: tessituras de Ignez Sabino e Délia*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

CAMPEDELLI, Samira Youssef; JUNIOR, Benjamin Abdala. *Tempos da literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1986.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FEIJÃO, Rosane. *Moda e Modernidade na belle époque carioca*. Estação das Letras e Cores, 2011.

PRIORE, Mary Del (Org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.